

Apresentação

Ari Pedro Oro

Este e-book reúne textos de dez antropólogos, de sete diferentes países, que ao longo de suas carreiras não somente pesquisaram a transnacionalização religiosa, como são detentores de uma produção científica mundialmente reconhecida sobre o tema. Em comum entre os autores, o interesse pela globalização do religioso, cada um, porém, tendo se ocupado de expressões religiosas, de territórios e de lugares etnográficos específicos.

A proposta que motivou a produção deste e-book foi concentrar em um único volume as contribuições de autores incontornáveis sobre fluxos religiosos transnacionais. Para atender a este objetivo, os autores aceitaram o desafio de escrever um texto no qual procedessem a uma revisitação da própria trajetória etnográfica e analítica. Uma espécie de síntese autoreflexiva do que pesquisaram, da metodologia empregada e das perspectivas teóricas e interpretativas assumidas sobre o fenômeno da transnacionalização religiosa, abrindo, assim, um arco etnográfico e analítico considerável acerca dos fluxos religiosos transnacionais observados nas últimas décadas.

O e-book inicia com o texto **Cristina Rocha** — professora da Universidade de Western Sydney, Austrália —, que reflete sobre como a religião se move entre Estados-nações, o que cerceia ou impede seu movimento. A autora argumenta que fluxos religiosos sofrem o impacto de quatro grandes fatores: imaginários construídos a partir de assimetrias de poder entre nações-Estado; infraestruturas religiosas que se intersectam e se influenciam mutuamente (imaginação, mobilidade, materialidades/

estética e mídia); fluxos que são multipolares e multidirecionais e, enfim, fluxos que são multiescalares. Cristina Rocha, que se ocupa há quase três décadas da circulação de diversas religiões entre diferentes países — primeiramente, fluxos de zen budismo entre Japão e Brasil; depois, fluxos internacionais de medicina alternativa partindo do Brasil e, por fim, fluxos de pentecostalismo entre a Austrália e Brasil —, resume sua abordagem analítica acerca da transnacionalização religiosa destacando que trabalha com uma cartografia multipolar, multidirecional e multiescalar de globalização religiosa influenciada por desigualdades de poder.

Na sequência, **Renée De la Torre** — investigadora do CIESAS Ocidente, Guadalajara, México — narra a maneira pela qual a prática etnográfica sobre a transnacionalização de bens religiosos foi orientando missões etnográficas que seguiam fluxos para encontrar conexões. O foco do texto repousa no argumento de que estudar a transnacionalização não consiste somente em evidenciar fluxos de bens religiosos de um lugar para outro, mas também reconhecer como ela impacta a dinâmica de transformação dos significados culturais e de poder sobre as tradições religiosas. Nesse sentido, sustenta a autora que estudar a transnacionalização implica uma postura epistemológica diferente daquela dos estudos globais — que começa com o reconhecimento dos múltiplos sentidos praticados em um sistema de fluxos multidirecionais — e deve contemplar a disputa de historicidades construídas, interrogando o seguinte: de que maneira incidem os distintos vetores pelos quais se transfere o religioso de um lugar para outro? Que peso têm os sentidos do direcionamento dos fluxos vinculados aos eixos históricos de poder? Como impactam os projetos nos quais se inscrevem as diásporas religiosas? De que maneira cada lugar em que chega uma tradição religiosa implica redefinições identitárias segundo os próprios regimes da diferem que ali vigoram? Para a autora, o enfrentamento desse feixe de questionamentos e a sistematização de suas principais aprendizagens podem tornar-se aportes teórico-metodológicos para futuras investigações.

Na mesma linha de reflexões constantes no texto de Renée De la Torre sobre as dinâmicas implicadas em tradições étnico-religiosas que são

resgatadas e ressemantizadas pela transnacionalização, **Juan Scuro** – professor da Universidade da República, Montevideu – discorre sobre grupos religiosos e neochamânicos que utilizam psicodélicos no Uruguai, Brasil, Peru e México. Além de apresentar uma retrospectiva de sua investigação antropológica – iniciada na década de 2010 sobre a transnacionalização do Santo Daime do Brasil para o Uruguai e, na sequência, sobre diferentes grupos que em seu país se apropriam das tradições do vegetalismo peruano, Caminho Vermelho mexicano, além das religiões brasileiras da ayahuyasca –, o autor assume a noção de ser afetado e analisa como nos espaços neochamânicos ocorre a produção de subjetividades, onde a neo-orientalidade inscreve-se como um processo de ressignificação identitária que reivindica uma conexão simbólica com um espaço de identidade pré Estado-nação moderno. Nesse contexto, o uso de psicodélicos por parte dos grupos referidos emerge como um campo tensional entre um polo tradicional-religioso e outro, médico-secularizado.

Na sequência, o e-book apresenta quatro textos que guardam relações entre si, posto que exploram analítica e etnograficamente fluxos afroreligiosos em diferentes direções transnacionais. Refiro-me aos textos de Stefania Capone, Alejandro Frigerio, Clara Saraiva e Joana Bahia.

Com efeito, **Stefania Capone** – diretora de Pesquisa de primeira classe no CNRS, França – apresenta um texto que recupera vinte anos de sua pesquisa sobre a transnacionalização da religião dos orixás no “Atlântico Negro”. Ao expandir as análises de Gilroy para incluir o Atlântico Sul e, em particular, o Brasil e a Nigéria, a autora concentra-se na difusão dessas práticas religiosas em um espaço de circulação tricontinental, mostrando como a comunidade “iorubá” transnacional é constituída em ambos os lados do Atlântico graças às trocas contínuas entre esses dois territórios. Se a identidade iorubá na Nigéria precisa de seu “espelho” americano para existir, a chamada “globalização da religião dos orixás” é o produto dessa negociação incessante entre diferentes versões da tradição iorubá na África e na diáspora. Isso também inclui o papel persistente da nação nos processos

transnacionais e a questão das (i)mobilidades religiosas, mostrando que a transnacionalização religiosa não está necessariamente ligada à migração.

Por sua vez, **Alejandro Frigerio** — professor da Universidade Católica Argentina e pesquisador do Conicet — analisa a difusão da Umbanda e do Batuque do Rio Grande do Sul para a Argentina e o Uruguai. Esclarece que os primeiros templos, abertos nos anos de 1950 (no Uruguai) e 1960 (na Argentina), agora já podem ser contabilizados em mais de três mil em Buenos Aires e às centenas em Montevideú. O autor reflete sobre o crescimento dessas religiões em seu novo ambiente, dando atenção especial à sua recepção pela sociedade e às estratégias de acomodação empregadas por seus praticantes, incluindo o desenvolvimento de narrativas de pertencimento às novas nações. Utilizando conceitos derivados do estudo dos movimentos sociais, argumenta que o processo de *alinhamento de quadros interpretativos* realizado pelos pais e pelas mães de santo argentinos foi vital para alcançar um bem-sucedido processo de transnacionalização religiosa e que a *tradução cultural* é uma possibilidade analítica ainda pouco considerada nos estudos transnacionais.

Já **Clara Saraiva** — investigadora da Universidade de Lisboa — procede a uma revisitação de seus trabalhos sobre a transnacionalização das religiões afro-brasileiras para Portugal, com base no trabalho de campo realizado desde 2006 até ao presente em terreiros de Umbanda e Candomblé em Portugal e no Brasil. A autora foca aspectos do desenvolvimento dos terreiros em Portugal e dos cruzamentos e ressignificações nas pontes transatlânticas estabelecidas entre pessoas e espíritos dos dois lados do Atlântico.

Por seu turno, **Joana Bahia** — professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro — analisa as formas como as religiões afro-brasileiras (Candomblé e Umbanda) adaptam-se culturalmente no contexto alemão. Na primeira seção do texto, a autora discorre sobre a circulação de pais e mães de santo pelo campo artístico, criando oportunidades para que construam espaços rituais nos quais são realizadas práticas religiosas. Em seguida, analisa os casos de pais de santo que não participam desse campo artístico, nem mesmo têm seus próprios terreiros ou iniciam filhos de

santo. Por fim, considera as adaptações rituais e as formas de relacionamento com as necessidades econômicas e espirituais dos possíveis clientes. Nesses casos, as religiões afro-brasileiras acabam tendo uma proximidade com as práticas da Nova Era, atualmente comuns nas culturas europeias.

O texto de **Ari Pedro Oro** — professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul — faz a transição do enfoque da transnacionalização afro-religiosa para a transnacionalização evangélica. Isso porque, em sua primeira parte, o texto retoma a dimensão transnacional já explorada no texto anterior de Alejandro Frigerio relativa à circulação afrorreligiosa entre Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai. Porém, na segunda parte, o autor analisa os fluxos de indivíduos e de igrejas pertencentes ao campo evangélico do Rio Grande do Sul que se deslocam para países europeus, motivados pela ideia de recristianizar o velho continente. Trata-se da noção de “missão invertida”, em que, como será mostrado, embora coloque em primeiro plano o discurso da recristianização da Europa, a abertura transnacional está fundamentada em lógicas locais associadas a status e prestígio das igrejas. Além disso, o texto propõe uma tipologia, composta de cinco modelos, que procura dar conta das diferentes dinâmicas de transnacionalização religiosa.

A transnacionalização envolvendo igrejas evangélicas é também objeto do texto de **Donizete Rodrigues**, pesquisador sênior da Universidade Nova de Lisboa. O autor aborda o processo de “brasilianização” causado pela significativa presença de imigrantes brasileiros e denominações religiosas de origem brasileira na Área Metropolitana de New York. Trata-se de uma pesquisa iniciada em 2008 — e ainda em desenvolvimento — que incide sobre o mapeamento dos enclaves étnicos (onde os brasileiros vivem, trabalham e oram) e a presença e atuação de igrejas evangélicas. No tocante à metodologia, em uma primeira fase, o autor adotou a “etnografia multi-situada”, que privilegia os fluxos migratórios transnacionais, seguindo as dinâmicas, trajetórias e conexões de imigrantes e denominações religiosas, e, em sua segunda fase, a pesquisa privilegiou as “*localized situations*”, com trabalho de campo no interior das igrejas, utilizando o tradicional

método antropológico da observação-participante, como “*insider-believer*” ou “*outsider*”. As categorias conceituais de “enclave étnico” e de “brasilianização” são privilegiadas pelo autor para orientar a análise do material etnográfico e a construção da narrativa antropológica para melhor entender os imigrantes brasileiros evangélicos nos Estados Unidos.

O e-book finaliza com o texto de **Cristina Maria de Castro**, professora da Universidade Federal de Minas Gerais. Nele, a autora toma como mote a transnacionalização islâmica para o Brasil para discorrer sobre a temática religião, migração e mobilidade. No início, discute a construção de identidades muçulmanas no estado de São Paulo sob a leitura da Sociologia da Religião e da Economia Étnica. A seguir, analisa as práticas religiosas islâmicas em Belo Horizonte. Bastião do tradicionalismo, o estado de Minas Gerais apresenta suas particularidades como sociedade hospedeira de religiões “estrangeiras”. Posteriormente, enfatiza as transformações geradas no campo religioso brasileiro pelos fluxos transnacionais religiosos e pelos movimentos migratórios internos. Por fim, a autora discute as novas perspectivas relativas à globalização do campo religioso brasileiro, tanto no sentido de complexificação das crenças e práticas locais quanto na diáspora das religiões brasileiras.

Ao finalizar esta breve apresentação, registro meu agradecimento às autoras e aos autores que aceitaram participar deste projeto, e aos leitores interessados pelo tema, nutro a expectativa de que encontrem aqui luzes esclarecedoras e indagações desafiadoras para melhor entenderem as relações e cruzamentos entre religiões, Estados-nações, mobilidade e migração, ou seja, os fluxos religiosos transnacionais.